

MUTIRÃO +CULTURA

FANDANGO CAIÇARA NO LITORAL DO PARANÁ

Editora
UFPR



FANDANGO CAIÇARA NO LITORAL DO PARANÁ

Sandro Miguel Mendes

Raquel dos Santos Vieira

Luiza Stopasolla Pinto

(Orgs.)

Editora
UFPR

Curitiba, 2019

PROJETO MUTIRÃO +CULTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Projeto Mutirão + Cultura

Reitor

Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Prof^a. Dr^a. Graciela Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFPR

Prof. Dr. Leandro Franklin Gorsdorf

Coordenadora de Extensão

Prof^a. Dr^a. Maria Virgínia Filomena Cremasco

Coordenador de Cultura

Prof. Dr. Rodrigo Arantes Reis

Diretor da Editora UFPR

Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR

Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo

Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia

Dr^a. Bruna Marina Portela

EQUIPE

Apresentação e organização

Prof^a. Dr^a. Deise Cristina de Lima Picanço

Fernanda Cristina Lopes

Pamela Cristine de Oliveira

Editoração

MAE

Projeto Gráfico

Victor Uchoa

SUMÁRIO

Apresentação	6
Entre o mutirão e a diversão: o fandango caiçara	15
O fandango caiçara no Brasil	18
O fandango caiçara no litoral do Paraná	21
Sugestões para o professor	24
Fandango na escola: pesquisa e baile de fandango	24
Sistematização	25
Vídeos e documentários	26
CANÇÃO: O anu	27
Resultados esperados	29
Referências	30
Equipe Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP)	31

1 Mutirão, prática que dá nome ao projeto, caracteriza-se por ser uma atividade coletiva em que todos participam de algum modo para a realização de alguma tarefa importante e que seria muito difícil realizar sem a colaboração de toda a comunidade, como a colheita da roça, o arrasto da rede de pesca, a preparação de alimentos, a construção de casas, entre tantas outras atividades.

Origem: do Tupi-Guarani pitibô, popitibô, picorô, que significa "ajudar". Auxílio gratuito que prestam uns aos outros os membros de uma determinada comunidade, reunindo-se todos em proveito ou de um de seus membros, ou de todos, como no caso da implementação de obra(s) de infraestrutura.

(DICIONÁRIO de Palavras Brasileiras de Origem Indígena. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/mutirao/>. Acesso em: 6 ago. 2019)

2 O termo caíçara tem origem tupi-guarani: caá-içara denomina as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, além de responder ao instrumento feito de galhos de árvores fincados na água para cercar os peixes. Com o tempo, o termo passou a ser usado para denominar as comunidades que vivem ao longo do litoral dos estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. (DIEGUES, A. C. S. Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras. Série Documentos e Relatórios de Pesquisa, n. 5. p. 9. São Paulo: NUPAUB-USP, 1988).

3 CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. Tradução: Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

Apresentação

MUTIRÃO¹ NA ESCOLA: PRÁTICAS E SABERES PARA COMPARTILHAR NA SALA DE AULA

Este fascículo faz parte da coletânea paradigmática **MUTIRÃO NA ESCOLA: práticas e saberes para compartilhar na sala de aula**, a qual se propõe a partilhar com os professores, pedagogos, educadores e alunos uma parte dos resultados das atividades desenvolvidas nos últimos anos pelos participantes do projeto **Mutirão +Cultura** na UFPR.

A coletânea, apresentada em cinco fascículos, tem como propósito trazer conhecimentos e perspectivas sobre as práticas e os saberes das comunidades do litoral do Paraná e sua diversidade étnica e cultural, para que possam ser trabalhados por todas as escolas do estado, já que muitas das atividades aqui propostas tiveram a participação de comunidades escolares.

A intenção deste conjunto paradigmático, portanto, é fornecer ao professor algumas reflexões e sugestões de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula, visando a construção de conhecimentos sobre a cultura e os modos de vida do litoral, como parte da problematização das várias formas de viver e pensar as práticas cotidianas de comunidades caiçaras² urbanas e rurais, indígenas e quilombolas – grupos sociais muitas vezes silenciados ou invisibilizados.

Para trabalhar com esses modos de vida a partir da compreensão dos sujeitos que neles constroem sua existência, partimos da ideia de Néstor Canclini³ de que,

na América Latina, tivemos uma permanente história de construção de culturas híbridas. Nesse longo processo, a modernidade passou a equivaler à noção de pluralidade, mesclando relações entre grupos hegemônicos e subalternos, tradicionais e modernos, cultos, populares e massivos.

Uma das críticas do autor aos recentes estudos sobre cultura popular refere-se ao fato de se interessarem mais pelos bens culturais (objetos, músicas, lendas) do que pelos sujeitos geradores e consumidores desses bens. Analisando as investigações sobre cultura, Canclini percebe que, nesses estudos, cultura popular pertenceria àqueles desprovidos de patrimônio ou que não conseguem o seu reconhecimento e a sua conservação como tal. Um exemplo dessa dinâmica pode ser observado nos artesanatos: por não serem tratados como artistas, suas obras não participam do mercado de bens simbólicos e de seus processos de legitimação. São também populares nesses estudos os espectadores dos meios de comunicação de massa que, excluídos dos processos formativos mais institucionalizados, são considerados inaptos para consumir a alta cultura, por não dominarem a terminologia e a história dos estilos artísticos. Contrário a essa perspectiva, Canclini propõe que os estudos da cultura popular exigem que nos livremos da pretensiosa concepção de autonomia absoluta ou de uma pureza dessas práticas, assim como do desejo complacente de autossuficiência, como se fosse possível ignorar as indústrias culturais, o turismo, as relações econômicas e políticas com os mercados nacionais e transnacionais de bens simbólicos. Isso porque, para o autor, na cultura popular não há uma simples e pura repetição ordenada das tradições. Nela são confrontadas muitas práticas e muitos rituais são transgredidos por meio da incorporação de temas, costumes e tecnologias, como nos carnavais, nos bailes

de fandango e na produção, divulgação e preservação de saberes como os da pesca, do mutirão e da confecção de peças de artesanato.

Esta coletânea, portanto, busca contemplar os objetivos das ações do Eixo 1 do Projeto **Mutirão +Cultura** – que se refere à atuação junto à Educação Básica –, conforme edital do MEC/MINC. As ações do Eixo 1 trabalharam com conhecimentos e conteúdos resultantes do mapeamento cultural colaborativo e do inventário das práticas culturais do litoral do Paraná, e também do desenvolvimento e proposição de metodologias didáticas, como as Caixas Didáticas, a Contação de Histórias e as Rodas de Leitura, metodologias contextualizadas a partir da memória, de histórias, de representações e de identidades do litoral. Posteriormente ao processo de formação dos professores, educadores e agentes culturais vinculados às comunidades selecionadas, foram elaboradas propostas de atividades pedagógicas com a finalidade de servir de material de difusão da diversidade e pluralidade cultural do litoral a professores e educadores de outras regiões do Paraná e do Brasil.

Esperamos que a implementação de projetos temáticos vinculados aos conhecimentos das comunidades do litoral do Paraná nas escolas seja uma estratégia que possibilite abordar questões relacionadas aos saberes e práticas culturais, à educação ambiental, linguística e histórica e às noções de hospitalidade, de alteridade e de cidadania.

A partir dessas breves considerações, passamos a apresentar os fascículos que compõem a coletânea. Todos eles são resultado das ações previstas no Projeto **Mutirão +Cultura** e desenvolvidas nos últimos dois anos.

O primeiro fascículo trata das atividades de **Turismo na Escola: uma proposta para o Ensino Fundamental**. Tais ações referentes às práticas do turismo partem da percepção de que, além de contar com praias de fácil acesso, o litoral é um local com grande diversidade de opções de lazer, que atraem moradores de outras regiões do Paraná. Entre elas, destacam-se os banhos de mar, de rio e de cachoeira, as visitas aos monumentos e ao patrimônio histórico e cultural, os passeios de barco pelas paisagens das baías e ilhas de Antonina, Paranaguá, Guaraqueçaba e Guaratuba, a experiência de conviver com moradores das propriedades rurais de Morretes, Antonina, Guaratuba e Guaraqueçaba e as visitas aos centros e caminhos históricos e à cadeia de montanhas da Serra do Mar.

O fluxo turístico na região se intensificou a partir do século XX, com a construção, pavimentação e melhorias das estradas que ligam a capital do estado aos municípios litorâneos. As iniciativas de investimento em infraestrutura, além de possibilitarem o acesso ao porto de Paranaguá e às rotas comerciais nas proximidades de Curitiba, viabilizaram o desenvolvimento das atividades balneárias e os passeios pelas diferentes paisagens do litoral. Partimos da premissa, portanto, de que o turismo como prática pedagógica torna-se essencial para que os educandos estejam preparados para receber e acolher os visitantes, para fazer uma análise crítica sobre as práticas do turismo e compreender as diversas possibilidades de realizá-lo, trazendo benefícios para o lugar em que vivem por meio do compartilhamento de saberes e da organização social de sua comunidade. Para tanto, as propostas pedagógicas baseiam-se nos modelos de práticas aplicadas nas escolas municipais Antônio Barbosa Pinto,

em Guaraqueçaba, e Iraci Miranda Kruger, em Guaratuba, promovidas no marco do projeto **Mutirão +Cultura** entre 2015 e 2018.

O segundo fascículo trata das atividades desenvolvidas com as comunidades indígenas do litoral que resultaram na exposição **Nhande Mbya Reko: Nosso Jeito de Ser Guarani**, realizada no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, em Paranaguá. Essa exposição se caracteriza por ter sido o resultado de uma curadoria compartilhada. Em geral, na museologia, a curadoria se refere tanto ao conjunto de ações para a formação, conservação e documentação das coleções quanto aos procedimentos necessários para a montagem de uma exposição. Numa versão compartilhada ou colaborativa de curadoria, todas as decisões sobre a exposição são tomadas em conjunto. Nessa exposição participaram da curadoria a equipe do museu (antropólogos, museólogos, designers e um fotógrafo) e representantes das cinco comunidades indígenas guarani participantes, todas elas localizadas na região do litoral do Paraná ou em suas imediações.

É importante ressaltar que os Guarani são um povo indígena que vive em territórios da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil. A população guarani é de aproximadamente 284.000 pessoas, das quais 85.255 se encontram no Brasil, em diversas terras indígenas e cidades de vários estados (RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MS, PA). Ainda que a região do litoral do Paraná seja considerada um território tradicionalmente guarani, como demonstram dados históricos e arqueológicos, as comunidades enfrentam grandes dificuldades para usufruir dessas terras, de forma que lhes permitam desenvolver seu modo de vida.

Hoje, as terras que cada comunidade ocupa são insuficientes para desenvolver atividades de subsistência tradicionais, como o cultivo da roça e a caça. Por essa

razão, os Guarani desenvolvem há décadas o artesanato como modo alternativo de obtenção de renda, tornando-o fundamental em muitas comunidades. Entretanto, isso não quer dizer que seja um simples produto econômico. Os artesanatos guarani refletem aspectos de sua cosmologia e da sua religiosidade. Foi a partir desses aspectos e das narrativas que as propostas de atividades contidas nesse fascículo foram elaboradas.

O terceiro fascículo da coletânea, **As comunidades quilombolas do litoral do Paraná e suas histórias**, busca dar visibilidade às práticas, aos saberes e às percepções sobre o modo de vida dos moradores de Batuva, uma das comunidades quilombolas do estado do Paraná. Batuva e Rio Verde são as duas comunidades remanescentes quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, e estão localizadas a 36 quilômetros do município de Guaraqueçaba. No estado do Paraná existem 86 comunidades quilombolas identificadas, sendo que 37 delas já são certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Ainda assim, muitos dos municípios não sabem da existência dessas comunidades, que permanecem em lugares de difícil acesso.

As Comunidades de Remanescentes de Quilombolas (CRQs) do Paraná, assim como as de todo o território brasileiro, tiveram sua formação no período da abolição do regime escravocrata. Apesar dos conflitos com os latifundiários e madeireiros, os trabalhadores das comunidades rurais quilombolas permanecem com sua cultura e tradição como um símbolo de resistência, reivindicando os direitos quilombolas e as implementações das leis e das políticas públicas que asseguram esses direitos. O fascículo traz algumas atividades sobre a história dessa comunidade e de seu modo de vida a partir dos relatos de seus moradores.

O quarto fascículo apresenta atividades sobre o **Fandango caiçara no litoral do Paraná**. A cultura do fandango está presente em diferentes momentos da vida social das comunidades caiçaras, como nos casamentos, batizados e aniversários, ocupando papel importante no cotidiano delas. A partir do fandango, criam-se laços de solidariedade e convivência, disputas e alianças. O fandango, com algumas inovações, permanece até os dias de hoje como um elemento essencial na sociabilidade caiçara, e seus mestres, batedores e compositores são muito respeitados em suas comunidades.

Para trabalhar com o tema do fandango nas escolas, o fascículo propõe uma construção coletiva de conhecimentos sobre os instrumentos, os passos do bailado e uma pesquisa sobre o pássaro que dá nome a uma das canções de fandango mais conhecidas das comunidades caiçaras.

O último fascículo, **Blocos e escolas em Antonina: Bloco Boi Barroso e o resgate de histórias e práticas culturais**, trata das práticas e saberes que envolvem as atividades desenvolvidas com a comunidade do Boi Barroso, bloco carnavalesco (boi de mamão) do litoral do Paraná. A brincadeira do boi integra o imaginário narrativo popular e, por ser uma história difundida oralmente, está espalhada pelo Brasil em diversas versões, apresentadas no período do carnaval, nas festas juninas e julinas e em agosto, quando se comemora o dia nacional do Bumba Meu Boi. No Brasil e no estado do Paraná, há várias formas de viver o período do carnaval. Há cidades com desfiles de escolas de samba e blocos carnavalescos e outras em que os bailes acontecem em clubes ou associações. Em algumas regiões, há comunidades que não “pulam” o carnaval, e para outras esse é um momento que corresponde ao início de um período de orações.

Esse período faz parte da cultura dos brasileiros e paranaenses e inclui diversas práticas sociais que convivem na maior parte das cidades.

Para conhecer o trabalho de resgate e realização da brincadeira do boi, esse último fascículo apresenta a versão de enredo apresentada pela comunidade do Boi Barroso, seus principais personagens e a marchinha que acompanha o desfile. Como proposta para a escola, há a possibilidade de fazer uma contação de histórias do enredo ou mesmo representá-lo teatralmente, culminando numa grande brincadeira. Outras duas histórias são apresentadas para contação, baseadas na compilação de histórias das capelinhas católicas da cidade. Esse trabalho, liderado pelas irmãs Vera, Delma e Pilar, resultou na exposição Rogai por Nós, parte das atividades do Projeto **Mutirão +Cultura** na UFPR.

The background of the entire page is a vibrant orange. On the left, there is a stylized illustration of a man's lower half, wearing dark trousers and black shoes. On the right, there is a stylized illustration of a woman's lower half, wearing a long, flowing skirt with a dense floral pattern in white and black, and black shoes. The title is written in large, bold, white letters with a black outline, centered over the illustrations.

Fandango Caiçara no Litoral do Paraná

Aqui venho de tão longe

Rompendo marés e ventos

Somente pra não faltar

No nosso divertimento

Versos do fandango da família Pereira
Guaraqueçaba/PR



Fandango Caiçara no
Litoral do Paraná
Fonte: IPHAN
(BRASIL, 2018)

Entre o mutirão e a diversão: o fandango caiçara

O baile de fandango é uma confraternização dos caiçaras como pagamento pelos mutirões, tradicionalmente acompanhado de comidas e bebidas, como a caiaia, por exemplo. É dançado com tamanco de madeira, calçado utilizado exclusivamente pelos homens. Assim, constrói-se um som de sapateado, enquanto as mulheres

dançam graciosamente com suas longas saias. Os instrumentos utilizados são fabricados artesanalmente pelos fandangueiros, que utilizam principalmente a madeira conhecida como caxeta. A formação instrumental é composta basicamente de: dois tocadores de viola, um tocador de rabeca – chamado de rabequeiro ou rabequista – e um tocador de adufe ou adufe. O machete, instrumento de cordas mais simples e menor que a viola, foi bastante utilizado anteriormente, mas sua utilização é rara nos dias atuais. Outros instrumentos utilizados por alguns grupos são: violão, cavaquinho e instrumentos de percussão, como pandeiro, surdos e tantãs.

De modo geral, as músicas cantadas no fandango caíçara falam sobre a vida dos caíçaras e contam histórias sobre o seu cotidiano, seus amores, sua fé, a natureza e os desejos humanos, retratando o que é mais importante em suas vidas.

A união de todos esses elementos faz com que o fandango se caracterize como um universo musical particular que transita entre a fé, o parentesco, o trabalho e a festa. Seu conjunto de coreografias, dançadas por homens e mulheres, auxilia na construção da sociabilidade caíçara. Por essa razão, a cultura do fandango está presente nos diferentes momentos da vida social das comunidades, como casamentos, batizados e aniversários, ocupando papel importante e, algumas vezes, decisivo na

inserção social do sujeito nas comunidades caiçaras. Ou seja, a partir do fandango, criam-se laços de solidariedade e até mesmo de rivalidade. Desse modo, ele se mantém como um elemento essencial na sociabilidade caiçara, e seus mestres, batedores e compositores são muito admirados e aclamados.

Tanto os mutirões quanto as festividades do fandango podem ocorrer em qualquer período do ano, exceto durante a Quaresma.

Os bailes de fandango que eram realizados nas ocasiões de mutirão representam a cooperação e a solidariedade entre as populações caiçaras, pois aconteciam em momentos em que o trabalho coletivo era necessário, como na pesca da tainha, na colheita ou na construção de uma casa. Tinha-se, assim, a certeza da retribuição pelo trabalho com um baile de fandango, que acontecia aos sábados e domingos nas casas dos próprios moradores.



Instrumentos utilizados no fandango caiçara:
Rabeca, viola, machete, adufo e tamanco.
Fonte: NOSSO PIXURUM (2013)

PROJETO MUTIRÃO +CULTURA



A única exigência para a escolha do local era que a casa tivesse uma sala com chão de madeira para consolidar as batidas do tamanco.

Os mutirões para trabalho ainda acontecem. Os bailes de fandango como pagamento aos mutirões ainda são realizados nas noites de sábado e, atualmente, são organizados por grupos de fandango, associações, coletivos locais e grupos familiares e comunitários. Observa-se que nos bailes atuais é possível encontrar fandangueiros antigos e novos, o que contribui para a preservação da memória caiçara.

Em novembro de 2012, o fandango caiçara foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como um dos bens imateriais que compõem o Patrimônio Cultural do Brasil.

O fandango caiçara no Brasil

O fandango tem como raiz a dança flamenca espanhola, que foi trazida ao Brasil pelos colonizadores portugueses em meados do século XVIII. A partir desse

período, ela começou a fazer parte das comemorações das comunidades locais no litoral do Paraná. Paulatinamente surgiu uma variação deste estilo de dança e música que ficou conhecida como “fandango”, cujos cantos e danças normalmente contam histórias de amor e namoro, criando um jogo entre casais.

Hoje, o fandango é parte do folclore brasileiro e tem grande força no sul do país. Desse modo, faz parte da vida dos caboclos do litoral paranaense, assumindo certo caráter folclórico. Por isso é preservado até os dias atuais como um patrimônio cultural da sociedade brasileira.

Pode-se dizer que o termo “território do fandango caiçara” é o que melhor define a região em que ele se tornou a principal expressão cultural das comunidades caiçaras. Esse território também abarca as ações desenvolvidas por fandangueiros, associações culturais, artesãos, pesquisadores, alguns representantes do poder público local, etc.

No Brasil, o fandango caiçara encontra-se presente nos estados de São Paulo e Paraná. Em São Paulo, os municípios de Iguape e Cananeia, litoral sul do estado, se destacam pela vivência da cultura fandangueira, que se estende, ainda, em pequenos trechos de outros municípios, como Peruíbe e Ilha Comprida. Já no estado do

Paraná, os municípios do litoral norte – Guaraqueçaba, Paranaguá e Morretes – são os que mantêm a cultura do fandango viva.

O fandango representa uma forma de expressão central no compartilhamento de práticas, modos de vida, saberes e cosmovisões das populações caiçaras nos territórios em que acontece. Em julho de 2008, durante o II Encontro de Fandango e Cultura Caiçara, realizado no município de Guaraqueçaba, foi entregue ao IPHAN um pedido oficial de registro do fandango como um bem cultural de natureza imaterial, conforme previsto no Decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000. O documento foi assinado por mais de 400 pessoas participantes do evento, que contou com a presença de fandanguheiros, pesquisadores e gestores.

Eventos como o encontro de Fandango e Cultura Caiçara, que teve sua primeira edição realizada em 2007, são importantes por permitirem o encontro de fandanguheiros e pessoas que apreciam essa cultura. Desse modo, é possível preservar essa expressão cultural. Nesse sentido, outra conquista importante foi a primeira edição do guia impresso do circuito do Museu Vivo do Fandango, entre 2008 e 2009.

O fandango caiçara no litoral do Paraná

Como vimos anteriormente, a atual configuração do fandango no litoral do Paraná é o resultado de um processo histórico-social que se dá a partir do final do século XIX, com a formação dos núcleos de povoamento. A cultura do fandango adquiriu suas características a partir dos modos de vida praticados nessas localidades, relacionados às atividades rurais ligadas à roça, à pesca e ao extrativismo.

Para os pescadores e as comunidades rurais situadas nessas localidades, o fandango tinha um lugar importante em suas vidas sociais e lúdicas. Mais do que estar relacionado à organização do trabalho comunitário, o mutirão, como era chamado, faz referência a um conjunto de laços sociais construídos na região. Laços pautados na tríplice obrigação moral de dar, receber e retribuir.

O fandango representou, no município de Morretes, uma manifestação intensa e singular. Isso porque seus tocadores utilizavam afinação e toques de viola que diferiam dos utilizados nos municípios do Paraná e de São Paulo e tinham uma maneira única de cantar ao



improvisar os versos. Nesse município, destacam-se os irmãos fandangueiros Fausto Pires, Antonio Pires, Dirceu Pires e Antonio Asseção.

No município de Paranaguá, o destaque vai para tocadores como Manequinho da Viola, um dos mais famosos tocadores da região, e Mestre Eugênio, um dos mais respeitados fandangueiros locais que, durante a década de 1990 até início dos anos 2000, mantinha uma “Casa de Fandango” ao lado de sua residência, onde promovia bailes aos sábados.

Destaca-se ainda a família Pereira, de Guaraqueçaba. Pedro Pereira tocava rabeca no grupo de Mestre Romão junto com seus primos – Anísio dos Santos, Brasília dos Santos e Waldemar Cordeiro – que tocavam viola. Ele fazia a primeira voz do grupo, que também contava com o adufeiro Valdomiro Miranda.

Em 2018, a família Pereira teve presença forte no fandango caiçara do litoral do Paraná por meio dos irmãos Heraldo e Leonildo Pereira, mestres fandangueiros respeitados e aclamados na região.

No que se refere aos grupos de fandango, o de Mestre Romão é o mais antigo em atividade e desde os anos 1990 é apoiado pela Prefeitura Municipal de Paranaguá. Já o grupo Pés de Ouro tem formação recente e reúne músicos e batedores experientes. Há ainda dois grupos de jovens músicos e dançadores: um na Ilha de Valadares, em Paranaguá, que compõe a

Associação Mandicuéra de Cultura Popular, e outro em Guaraqueçaba, composto de adolescentes e jovens do município, chamado Fandanguará. Vale lembrar que o município de Guaraqueçaba é considerado um dos berços do fandango no litoral do Paraná, e algumas localidades como Tagaçaba, Serra Negra, Rio Verde, Rio dos Patos, Superagui, Vila Fátima e Ararapira ganham destaque por serem regiões em que o fandango se manifestou fortemente.

Deve-se chamar a atenção para a migração das pessoas que moravam nessas localidades para outros municípios, principalmente Paranaguá, em busca de melhores oportunidades de vida. Esse fato contribuiu para a redução e, em algumas localidades, para o desaparecimento dos tocadores, como é o caso de Tagaçaba e Serra Negra.

Na vila de Superagui, o fandango é praticado por alguns músicos, como os irmãos da família Esquenine, Pedro Miranda e Odair Siqueira. Nessa vila, o ponto de encontro para a realização dos bailes de fandango é o bar Akdov, que por vezes reúne antigos batedores e boa parte da população da vila.

Na sede de Guaraqueçaba (ou Centro, como também é conhecida), destacamos alguns músicos e dançadores, como Nilo Pereira e Vicente França, e os da família Pereira: Heraldo Pereira – violeiro e construtor de instrumentos, ofício que aprendeu com seu pai, Anísio Pereira



– e Leonildo Pereira, irmão de Heraldo, que reside atualmente em Rio dos Patos, localidade que foi o reduto da família Pereira.

Desse modo, a família Pereira ganha destaque como principal expressão contemporânea do fandango paranaense. Essa família conta com mestres e tocadores com idades entre 20 e 80 anos, e está espalhada pelo litoral sul de São Paulo, no Município de Cananeia, até os municípios do litoral norte do Paraná, Guaraqueçaba e Paranaguá.

Sugestões para o professor

Objetivo: abordar temas vinculados ao fandango e ao mutirão caiçaras como práticas culturais de maneira breve, dinâmica e de fácil compreensão, usando elementos próximos aos estudantes.

Disciplinas relacionadas: Artes, Língua Portuguesa, Biologia, História e Geografia.

Fandango na escola: pesquisa e baile de fandango

Uma atividade interessante seria convidar um dos grupos de fandango para visitar sua escola, pedir aos mestres que contem suas histórias para os

alunos e, se possível, façam uma apresentação. Caso a visita não seja viável, sugerimos algumas atividades para serem desenvolvidas com todos os alunos da escola ou com uma das turmas, que posteriormente pode realizar uma apresentação aos demais alunos da escola.

**Documentário “Fandango Caiçara” - jun. 2012/
IPHAN - publicado em 2015**

O fandango caiçara é uma expressão musical, coreográfica, poética e festiva cuja área de ocorrência abrange o litoral sul do estado de São Paulo e o litoral norte do estado do Paraná.



Fandango Caiçara

Sistematização

Após ver o documentário do IPHAN por meio do QR code, sistematize com os alunos as principais informações em um cartaz. Os alunos podem escrever e fazer ilustrações sobre:

- a** baile — modos de dançar, acessórios e músicos;
- b** instrumentos — quais são e como são tocados ou fabricados;
- c** como e por que se realiza o fandango na região do litoral do Paraná;
- d** versos — quais são os temas, ou seja, sobre o que falam as canções do fandango.

Vídeos e documentários



Fandango Superagui

Além dos vídeos e documentários sugeridos abaixo, outros podem ser inseridos na atividade conforme o tempo e a disponibilidade de recursos do professor.



Extras do documentário
Fandango - Dança
tradicional do Paraná
(Dança Anu com
Associação Mandicuera)

O Projeto Memórias tem como objetivo registrar e difundir a cultura popular. Com produção coletiva, o registro realizado em janeiro de 2015 irá compor o documentário sobre o fandango na Ilha de Superagui - PR.

Extras do documentário dirigido por Lia Marchi sobre o tradicional baile de fandango realizado no litoral do Paraná com os grupos Mandicuera e Mestre Brasília.

Realização: Olaria Projetos de Arte e Educação.



Canto do anu preto — Sons da natureza — Canto de passarinho

Para realizar essa atividade é importante analisar a letra da canção com os alunos e discutir com eles sobre a importância da relação dessas comunidades com a fauna e a flora locais.



CANÇÃO: O ANU

O Anu é passo preto, ai,

O Anu é passo preto,

Passarinho de verão,

Ai, passarinho de verão, ai...!

[palmas]

O Anu é passo preto, ai,

Quando canta à meia-noite,

Dá uma dor no coração,

Ai, dá uma dor no coração, ai...!

E se tu, Anu, soubesse,

Quanto custa um bem-querer,

Ai, quanto custa um bem querer, ai...!

[palmas]

Ai se tu, Anu, soubesse, ai,

Por certo não cantarias

Nas horas do amanhecer

Ai, nas horas do amanhecer, ai...!

Compositor : Barbosa Lessa



Para saber mais sobre o Anu

Após ler a letra e conversar sobre ela, sugerimos o aprofundamento das atividades por meio dos vídeos a seguir, que trazem informações sobre o pássaro Anu, suas características, seu comportamento, seu habitat e sua importância para a conservação da diversidade local.

Junto com seus alunos, aprenda a canção e ensaie alguns passos, como os do vídeo “Extras...”, do documentário visto anteriormente.

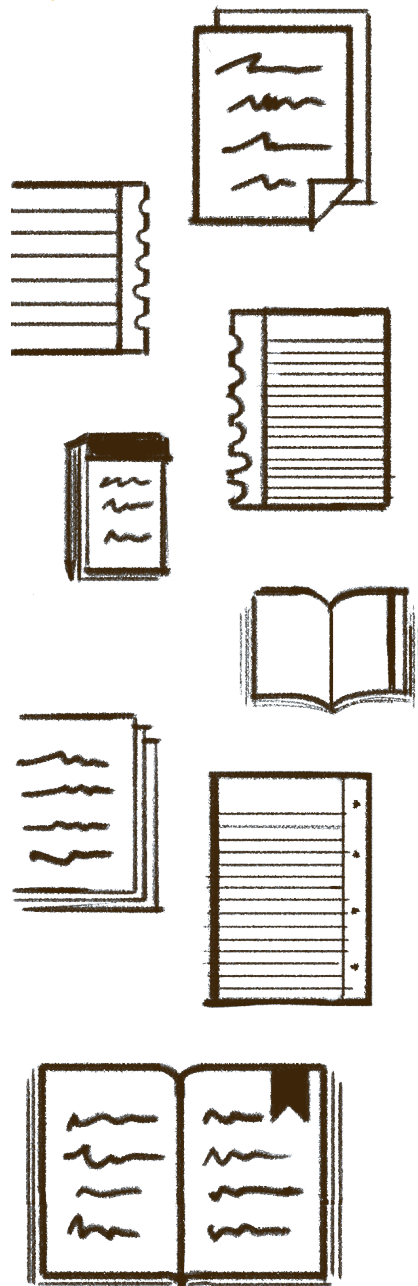
Para o baile, se não for possível convidar um dos grupos de fandango, use as gravações das canções disponíveis nos vídeos para estudar alguns passos, ensaiar e entrar na brincadeira. O mais importante é que os alunos percebam, além da sua importância cultural, o sentido solidário, lúdico e colaborativo que fazem do fandango e do mutirão práticas culturais tão importantes para o cotidiano da vida social das comunidades caiçaras.

Resultados esperados

Espera-se que os alunos interajam com as informações dos textos e documentários sobre o fandango e de forma lúdica conheçam um pouco mais sobre algumas das mais importantes práticas culturais do país e do litoral do estado do Paraná.

Tanto o mutirão como a realização do baile do fandango são parte da história e do cotidiano dessas comunidades. É importante conhecer essas práticas para poder compreendê-las melhor e valorizá-las como parte da identidade e do modo de vida de um grupo de pessoas.

Quando o aluno não as conhece é possível que tenha inicialmente uma posição de estranhamento em relação a essas práticas e não queira participar das atividades por julgá-las inadequadas, por algum valor que compartilha com sua própria comunidade. É importante não forçar o aluno a participar diretamente das atividades. Entretanto, ainda que não participe das brincadeiras, é importante que o aluno compreenda que cada grupo, cada comunidade, cria seu modo de vida, suas festividades, sua forma de ver o mundo e que compreenda que não há um modo correto em detrimento dos demais. Há modos diferentes e que devem ser respeitados como parte da organização e da história de cada povo. Assim como



ele pode estranhar algumas práticas, outros alunos, em outros locais, podem estranhar coisas que para ele são “normais”, cotidianas. Tente conversar com os alunos sobre isso e refletir com eles:

“Quais atividades que, para nós, são comuns e que podem não ser para outras pessoas, ou que sabemos que elas fazem de modo diferente?”

É importante dizer aos alunos que os diferentes modos de organização da vida social permitiram aos homens ocupar todos os ambientes do planeta, interagindo com a natureza e produzindo suas próprias culturas.

Referências

BRASIL. IPHAN. *Fandango Caiçara*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/83>. Acesso em: 30 ago. 2018.

BRASIL. IPHAN. *Fandango Caiçara*: Texto descritivo completo. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA%20Fandango%20Caicara.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2018.

NOSSO PIXURUM. *Guaraqueçaba*. Disponível em: <http://informativo-nossopixirum.blogspot.com/2013/01/>. Acesso em: 30 ago. 2018.

UFPR. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC).
Mutirão +Cultura na UFPR. Disponível em: <http://www.proec.ufpr.br/maiscultura/index.html>. Acesso em: 4 jul. 2018.

Equipe Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP)

Sandro Miguel Mendes (coordenador):

Administrador, Mestre em Turismo, Doutorando em
Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Raquel dos Santos Vieira:

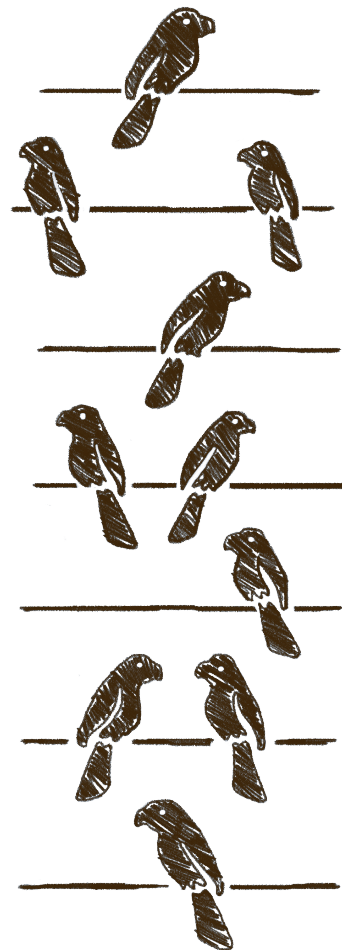
Bacharela em Gestão e Empreendedorismo, Graduada em
Gestão de Turismo, Mestra em Turismo, Doutoranda em
Meio Ambiente e Desenvolvimento.

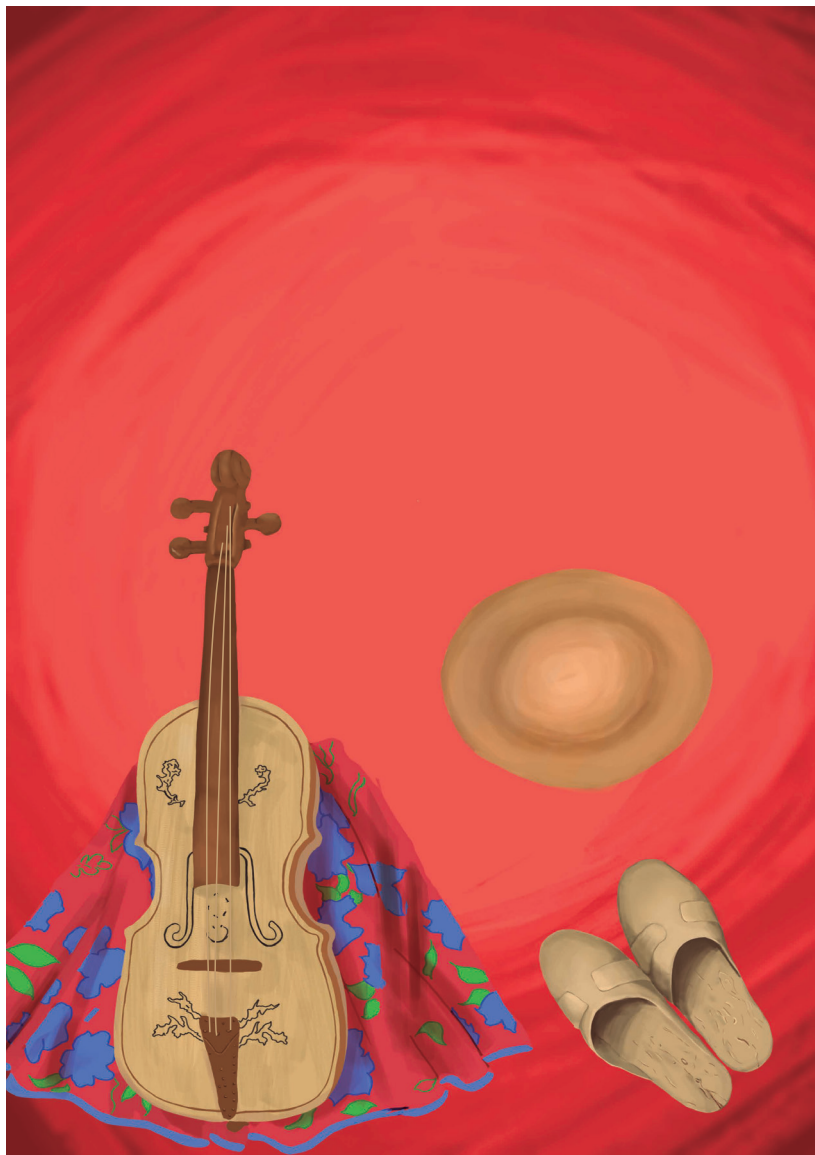
Luiza Stopasolla Pinto:

Graduada em Turismo

Pedro Pacheco da Silva:

Graduando em Produção Cênica





Ilustração

Daniella Valendorff e Pedro Ramos

FANDANGO CAIÇARA NO LITORAL DO PARANÁ

O projeto gráfico do Mutirão +Cultura foi criado a partir de um conceito: os rabiscos. As ilustrações de todos os fascículos remetem aos desenhos feitos nas bordas de livros e cadernos por todos que um dia já foram alunos. Para complementar e criar maior coesão no conjunto, cada caderno possui uma cor (ou uma paleta de cores) que remete ao tema tratado no fascículo.

Título

Mutirão +Cultura

Blocos e Escolas em Antonina: Bloco

Boi Barroso e o Resgate de Histórias e

Práticas Culturais

Projeto Gráfico

Victor Uchoa

Revisão de Texto

Fernanda Cristina Lopes

Pamela Cristine de Oliveira

Revisão de Texto

Daniele Soares Carneiro

Luana Zacharias Karam

Nº Páginas 36

ISBN 978-85-8480-214-2

Tipografia & Papel

Prater Sans Pro [título] e Ratio [texto]

Papel offset 120g/m² [miolo] e 180g/m² [capa]

Impresso na Imprensa da UFPR

Tiragem 100

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. SISTEMA DE BIBLIOTECAS.
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

B651 Blocos e escolas em Antonina : bloco Boi Barroso e o resgate de histórias e práticas culturais / organizadoras : Deise Cristina de Lima Picanço, Fernanda Cristina Lopes, Pamela Cristine de Oliveira. – [Curitiba] : Ed. UFPR, 2019.

49 p. : il., color. ; 22 cm.

Acima do título: Projeto Mutirão + Cultura.

Inclui referências: p. 47.

ISBN 978-85-8480-214-2

1. Folclore - Paraná 2. Bumba-meu-boi - Antonina (PR). 3. Danças folclóricas brasileiras - Paraná. I. Picanço, Deise Cristina de Lima, 1969- .
II. Lopes, Fernanda Cristina, 1993- . III. Oliveira, Pamela Cristine de, 1994- .
IV. Universidade Federal do Paraná. Museu de Arqueologia e Etnologia.
V. Universidade Federal do Paraná. Projeto Mutirão Mais Cultura. VI. Título.

CDD: 394.598162

CDU: 793.3(816.2)

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À EDITORA UFPR

Rua João Negrão, 280, 2º andar - Centro

Tel.: (41) 3360-7489

80010-200 - Curitiba - Paraná - Brasil

www.editora.ufpr.br

editora@ufpr.br

2019


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias





Realização



Apoio

